

A TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL EM "A FLORESTA DO ADEUS": QUESTÃO AGRÁRIA BAIANA NO DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

João dos Santos Pereira Júnior[1]
Lucas Zenha Antonio[2]

Palavras-chave: campo; arte; território.

INTRODUÇÃO

Limites, soldados, armas, cercas de arame farpado e uma floresta ao fundo. Essa é a paisagem agrária inicial de um processo de territorialização do capital, cada vez mais próxima de um tipo de racionalidade humana tecnicista, imediatista e visando somente lucros, que assombra diversas populações do campo no Brasil e na Bahia. O uso predatório e intensivo de recursos da natureza, consorciados aos fortes impactos socioambientais da eucaliptocultura são denunciados por movimentos e entidades sociais na Bahia (Andrade, 2015).

Pensando a partir do conto "A floresta do adeus", de Itamar Vieira Júnior (2021), e ampliando-o para a totalidade do espaço, se busca empreender estudos na Geografia a partir de diferentes formas de representação do espaço. A Literatura é uma rica fonte de expressões espaciais, por ser pensada inerentemente articulada ao espaço, à geografia que

[1] Graduando do Bacharelado em Interdisciplinar em Ciências Ambientais, UFRB.
[2] Doutor em Geografia e Professor de Geografia na UFRB.

estão nos sujeitos e, portanto, nos artistas, nos espectadores e nos leitores. “Não se deve esquecer que é a sociedade que produz, consome e ressignifica o espaço, e a Geografia, uma das possíveis leituras do espaço, é uma prática que também pode se fazer através do discurso literário” (Pinheiro; Silva, 2004, p. 25). É possível afirmar que “artistas sempre criaram geografias, se entendemos que a produção cultural é também uma prática espacial” (Marquez, 2009, p. 24).

Assim, a correlação entre Geografia e Literatura, por meio de um conto literário, “a floresta do adeus”, do livro Doramar ou A Odisseia, do geógrafo e escritor baiano em destaque nacional, Itamar Vieira Júnior, será aqui objeto de análise permeando o debate da questão agrária baiana que envolve a terra, as técnicas, o trabalho, associados às contradições do latifúndio monocultor. O conto em análise narra o processo de desterritorialização e negação do “território terra-abrigo” (Antonino, 2019).

O avanço das cercas, ocorridas no conto, é o processo de renovação da “acumulação primitiva” do capital, via processos de expropriação dos territórios, subjugação da mão de obra e da natureza, como aponta Harvey (2005). Outro modo de se aproximar do tema que se discutirá neste texto é através do uso do termo “topocídio”, inspirado na obra de Yi Fu Tuan (1980), cunhada por Porteus (*apud* Amorim Filho, 1996), significa um contínuo processo de degradação ou aniquilação deliberada de lugares, de paisagens naturais ou construídas. Em resumo, a morte do lugar. Assim, o conto “a floresta do adeus” explicita o modo de operação e aniquilação de lugares e de territórios de povos do campo e das águas, de maneira crua e poética por meio da literatura que será aqui analisada.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O conto “a floresta do adeus” nos apresenta uma comunidade diante de um processo violento de expropriação do espaço, da terra e da natureza, pois, o grande proprietário, ao instalar uma cerca para dividir o território, com o passar do tempo, a movimenta, fazendo-a avançar, ao passo que desterritorializa a comunidade existente no lugar e reconfigura a paisagem rural, cuja atividade econômica desenvolvida para exploração capitalista da terra é a monocultura do eucalipto, o que remete metaforicamente

ao título do conto analisado, “a floresta do adeus”, ou à denominação “desertos verdes”, já bem disseminada nos textos críticos acerca do tema.

A comunidade é surpreendida pelas cercas, a partir do avançar da atividade da eucaliptocultura. A expropriação do território é o resultado mais explícito do avanço do grande capital sobre o espaço. Assim, os conflitos são estabelecidos e as famílias passam a conviver com o “terror” diante da dinâmica de desterritorialização (Haesbaert, 2011), e, por isso, elas resistem ao processo de expropriação, e passam a viver imprensadas pelas cercas, construindo múltiplas formas de territorialidade. Para as grandes corporações extrativistas, o território é uma fonte de recursos a ser explorado, para a geração de capital e a expansão do lucro, neste caso, por meio da produção de *commodities*.

Outra expressão, “deslocados *in situ*”, para denominar a situação dos expropriados pelo grande capital nas comunidades rurais é proposta por Zhouri *et al* (2013). Ela explica a situação de grupos sociais que permanecem no entorno de algum empreendimento, graças ao qual são obrigados a observar e vivenciar transformações territoriais rápidas e profundas que modificam, principalmente, suas formas de apropriação e distribuição dos recursos naturais antes existentes. Assim, ficam deslocados mesmo estando em seus próprios lugares.

Vieira Júnior (2021) discute, no seu texto, que parte da população local foi deslocada para longe. Hoje, essa paisagem não apresenta pássaro ou animal a habitá-la, portanto, pássaros não cantam mais, nem cutias andam, as folhas acenam em permanente despedida e existe uma separação física imposta pelo arame e por placas com dizeres proibitivos e coercitivos. A partir da frase que inicia o conto “‘Aqui é o limite’, o soldado aponta com a arma uma linha amarela quase apagada no chão” (Vieira Júnior, 2021, p. 11) a tensão e o terror se instaura no território, pois a cerca de arame farpado erguida explicita a expropriação da terra.

> “Sabe-se que um nativo a chamou de floresta do Adeus porque, quando ela chegou com os homens e em pequenas mudas, a população local foi deslocada para longe, e as folhas, quando as árvores atingiram a maturidade, farfalhavam replicando o vento, como pequeninas mãos dando adeus” (Vieira Júnior, 2021, p.11).

A presença da nova floresta de eucaliptos e a imposição das cercas dividindo o espaço são símbolos da expulsão em massa, à qual a família e a população começaram a lidar a partir daquele momento de terror e de produção da perversa realidade. Outro trecho

que evidencia a situação da comunidade "por ali não passa nenhum tipo de carga e o deslocamento humano é ínfimo" (Vieira Júnior, 2021, p. 11). A paisagem mudou a percepção da comunidade sobre o ambiente e sobre a contemplação da natureza. O que ficam são as memórias narradas no conto: "Luís que nasceu na mesma casa velha contornada de varandas, quintais onde ciscam galinhas e colhem ovos, onde se erguem os pomares de nossa infância" (Vieira Júnior, 2021,p. 15), as memórias afetivas para com o ambiente, anteriores à instalação do processo do topocídio através das cercas, dando luz a um processo de territorialização do capital.

São temas abordados no conto: a rotina vivida pelos filhos e filhas do campo, sempre do ponto de vista feminino, como por exemplo o de "Isabel Grande com as mãos generosas colhendo temperos da horta, retirando raízes do chão com seu corpanzil de matriarca, Isaque com seu arado preparando a terra para a semeadura" (Vieira Júnior, 2021, p. 16); a nostalgia de uma paisagem mais saudável, em relação com o ambiente rural, o sistema capitalista tenta afastar e diferenciar a relação do ser humano para com a natureza; o cotidiano das famílias no campo; a territorialidade construída ao longo dos anos pelos moradores da comunidade na relação com o território, atribuindo-lhe sentido, poder e identidade.

As pessoas sonhavam com a derrubada da cerca. Essa é a história da questão agrária brasileira e, do semiárido nordestino em especial, pois o problema desta região nunca foi a seca, e, sim as cercas físicas dos latifundiários ou mesmo as cercas jurídicas, como a lei de terras desde 1850, criada para dificultar o acesso à terra.

O conto também traz como tema o protagonismo feminino, refletido na realidade no campo atual, no conhecimento das parteiras, uma tradição majoritariamente protagonizada pelas mulheres e um símbolo do protagonismo da luta camponesa tocada por elas.

A Geografia já se debruçou sobre essa temática envolvendo o monocultivo do eucalipto em terras baianas e os conflitos causados nessa territorialização do capital, dialogando com o conto de Vieira Júnior (2021).

Conforme Oliveira (2012), a região de Vitória da Conquista entra no circuito da eucaliptocultura, em 1990, processo iniciado com a ocupação do Nordeste e Sul da Bahia, possibilitou o aumento da ocupação fundiária, uma realidade construída historicamente, sob subsídios do estado baiano e brasileiro. Segundo Andrade (2015), a região do oeste baiano também entra no rol de expansão da eucaliptocultura no estado da Bahia, com 57.500 ha de área plantada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro “Doramar ou a Odisseia” é dedicado às mulheres, conforme já fora dito pelo autor em diversas entrevistas se referindo a elas como “maternas e ancestrais” e que atravessaram seu caminho como Geógrafo, servidor do INCRA, escritor e cidadão preocupado pela busca por direitos. Assim, é também permeando essas sensibilidades e forças de personagens femininas que enfrentam as condições mais adversas, que várias de suas obras têm esse protagonismo narrado e inspirado em diversos eventos já presenciados na realidade do campo baiano e brasileiro. Quantas são as vastas lideranças femininas de comunidades tradicionais presentes na Bahia? De quilombos, de assentamentos, de fundo e fecho de pasto, de marisqueiras e pescadoras, em todas as regiões da Bahia estão presentes as mãos, e as resistências de mulheres que vivem no campo e se articulam para sobreviver. Assim, como Itamar Vieira Junior dedicou a dar voz às muitas que não têm voz, e isso é importante para a geografia na luta por direitos e justiça espacial, que tira da invisibilidade ações de territorialização do capital no campo brasileiro e baiano. Como no conto de Itamar Vieira Júnior, a população resiste aos arames das cercas e às violências no campo, apesar, por exemplo, do avanço da monocultura do eucalipto, atualmente, em situação de maior expansão na Bahia, os chamados “desertos verdes”. A mobilização da população tem sido protagonista para a proteção do território, mediante a ausência e/ou intencionalidade do Estado em não promover a reforma agrária, ação essencial para a emancipação do trabalhador rural. A literatura de Itamar Vieira Júnior é um excelente instrumento para a construção da consciência social para pensar a questão agrária e a territorialização do capital no Brasil. O conto “A floresta do adeus” é uma história de apropriação privada da natureza.

REFERÊNCIAS

AMORIM, FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

ANTONINO, Lucas Zenha. Territórios Extrativo-Mineral na Bahia: Violações de Direitos e Conflitos nos Territórios Terra-Abrigo. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia: histórias*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

HARVEY, David. O Neoliberalismo. Histórias e Implicações. Ed. Loyola, tradução Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves, 2005.

ANDRADE, Maicon Leopoldino de. A monocultura do eucalipto: conflitos socioambientais, resistência e enfrentamento na região do sudoeste baiano. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

OLIVEIRA, Edvaldo. Expansão da eucaliptocultura no Planalto da Conquista. 2012. 346f. Tese (Doutorado em Geografia). Núcleo de Pós-Graduação em geografia - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2012.

MARQUEZ,Renata Moreira.Geografias portáteis:arte e conhecimento espacial. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de MinasGerais, Belo Horizonte, 2009.

PINHEIRO, Délio J. F.; SILVA, Maria Auxiliadora. A cidade e seus símbolos. In: _____. Visões imaginárias da cidade da Bahia: um diálogo entre geografia e literatura. Salvador: Ed. UFBA, 2004.

ZHOURI, A., OLIVEIRA, R. MOTTA, L. Deslocamentos Múltiplos e a compulsoriedade do desenvolvimento: urbanização e barragens em face aos lugares. Trabalho apresentado no XXXI International Congress of the Latin American Association (LASA), Washington D.C - EUA, 29 May- 1st June, 2013. Painel: Deslocamentos e desigualdades no Capitalismo Global Contemporâneo.